



SER ÍNDIO OU INDÍGENA: REFLEXÕES SOBRE UM MOVIMENTO DE RESISTÊNCIA

APURINÃ, K. L. de S.¹; KAXINAWA, E. S. B.²; MANCHINERY, A. N. S.³;
MANCHINERI, F. B. da S.⁴; NICOLLI, A.A.⁵

(1) Grupo PET Conexões de Saberes: Comunidades Indígenas, UFAC, Câmpus Rio Branco, ketlima17@gmail.com; (2) Grupo PET Conexões de Saberes: Comunidades Indígenas, UFAC, Câmpus Rio Branco, ernizia2910@gmail.com; (3) Grupo PET Conexões de Saberes: Comunidades Indígenas, UFAC, Câmpus Rio Branco, angelamachinery@gmail.com; (4) Grupo PET Conexões de Saberes: Comunidades Indígenas, UFAC, Câmpus Rio Branco, silva.f93@gmail.com; (5) Grupo PET Conexões de Saberes: Comunidades Indígenas, UFAC, Câmpus Rio Branco, pet.conexind@ufac.br.

RESUMO: Este trabalho problematiza o uso dos termos “Índio” e “Indígena” sem a intenção de cristalizar ou ditar regra do que vem a ser uma pessoa indígena num contexto tão diverso como o brasileiro. Além disso, enfatiza alguns aspectos da resistência indígena como produtora do cotidiano e mantenedora da ancestralidade indígena. Tais reflexões emergiram devido à encruzilhada das realidades vividas pelas(os) estudantes indígenas do Grupo PET Conexões de Saberes: Comunidades Indígenas, da Universidade Federal do Acre. Dessa forma, registramos que o que se apresenta, ao longo do presente texto, é resultado de um exercício completamente experimental. Trata-se de uma fala e uma escrita situadas em um lugar e um tempo específicos. Uma fala e uma escrita sobre o que é ser indígena a partir da experiência de estar nos mundos (ou no mundo) atravessada pelas histórias, culturas e linguagens, entre outras tantas coisas que não são, de forma alguma, fixas.

Palavras-chave: Indígena; Índio, Resistência.

BEING INDIGENOUS OR INDIGENOUS: REFLECTIONS ON A RESISTANCE MOVEMENT

ABSTRACT: This work problematizes the use of the terms “Indian” and “Indigenous” without the intention of crystallizing or dictating rules for what constitutes an indigenous person in a context as diverse as Brazil. Furthermore, it emphasizes some aspects of indigenous resistance as a producer of everyday life and maintainer of indigenous ancestry. Such reflections emerged due to the crossroads of realities experienced by indigenous students from the PET Connections of knowledge: Indigenous Communities Group, at the Federal University of Acre. Therefore, we note that what is presented throughout this text is the result of a completely experimental exercise. It is speech and writing situated in a specific place and time. A speech and writing about



what it means to be indigenous based on the experience of being in the worlds (or in the world) crossed by histories, cultures and languages, among many other things that are by no means fixed.

Keywords: Indigenous; Indian; Resistance.

1. INTRODUÇÃO

Somos índios ou indígenas? Recorrentemente temos ouvido falar sobre a utilização de termos adequados para nomear àquelas e àqueles que constituem, com seus saberes, suas culturas e suas histórias, os diferentes grupos étnicos que representam os Povos Originários neste país. Diante disso, nos propusemos a tecer algumas reflexões sobre o tema e, para isso, iniciaremos pontuando que mais do que a utilização de um termo o que precisa ser pautada é a forma ou o contexto como ele é utilizado.

Sendo assim, podemos dizer que usar a denominação “Índio” como termo pejorativo é uma forma de discriminação racial e cultural, muitas vezes associada a estereótipos negativos e preconceituosos em relação aos povos indígenas. Utilizar o termo de forma pejorativa é desrespeitoso e perpetua a marginalização desses grupos, ignorando sua história, cultura e lutas. Por isso, é importante reconhecer e combater o uso de termos pejorativos que reforçam estereótipos e preconceitos, pois a valorização e o respeito à diversidade cultural são fundamentais para uma sociedade mais justa e inclusiva.

A denominação “Indígena” significa, quase que naturalmente, um termo carregado de mais sentidos e complexidades, posto que o indígena é àquela ou àquele que pertence a um dos Povos Originários das Américas, descendentes dos habitantes nativos que já viviam nessas terras antes da colonização europeia. Ser indígena, nesse caso, não é uma condição isolada ou individual, pois pressupõe o envolvimento com uma identidade cultural, social e histórica única, com línguas, tradições, costumes e cosmovisões específicas.

Nessa perspectiva, o indígena representa, por exemplo, a relação especial dos Povos Originários com a terra, uma vez que valoriza a sustentabilidade, a

espiritualidade e a coletividade em suas práticas e modos de vida. Ser indígena também está relacionado à luta por direitos territoriais, autonomia política e respeito à sua cultura e dignidade. Por isso, é fundamental reconhecer e valorizar a diversidade e riqueza das culturas indígenas, bem como apoiar suas reivindicações por justiça e igualdade e, nessa perspectiva, a utilização da denominação indígena se faz pertinente à medida que representa sentidos positivos/afirmativos do ser, estar e fazer dos povos originários.

Logo, ser *indígena* passa a ser uma forma de anunciar ao mundo uma condição e, mais do que isso, uma condição humana. Assim, ser indígena, nos dias de hoje, é um posicionamento político e, aliado a isso, um movimento de resistência. Sim, um movimento de resistência que se coloca entre nós desde o início dos tempos e se consolida nas décadas de 1970 e 1980.

2. METODOLOGIA

Metodologicamente trata-se de um estudo de abordagem qualitativa, que segundo Minayo (2002, p.15), se ocupa do estudo de questões que permeiam a realidade social e esta, por sua vez, “é o próprio dinamismo da vida individual e coletiva com toda riqueza de significados dela transbordante.” No contexto da abordagem qualitativa optamos pela apresentação de um relato de experiência que, em perspectiva epistemológica, expande-se a partir das singularidades e se torna importante produto científico, pois permite a uma construção teórico-prática para refinar os saberes sobre a experiência em si, a partir do olhar do sujeito-pesquisador em um determinado contexto cultural e histórico. (Daltro, Faria, 2019).

3. RESULTADOS E DISCUSSÕES

Ante o estudo realizado cabe registrar que ser indígena e se fazer reconhecer como tal implica no respeito a diferença sociocultural dos povos indígenas, em favor da autonomia societária dos povos e da garantia do direito ao território, à cultura, à educação, à saúde, ao desenvolvimento econômico, a partir de projetos coletivos, do direito à cidadania híbrida: étnica, nacional e global.



Dito isso, estranha-se o fato de impressionar, a muitos brancos e a sociedade ocidental, que os povos indígenas reivindiquem o direito à vida e a melhores condições materiais de vida a partir da cultura de cada povo e estranha-se, ainda mais, que o processo de enganação/escravização/matança (nessa ordem) ainda seja entendido como um “direito” (justificado por uma pretensão de superioridade) intrínseco aos que desejam exercê-lo. Por isso, ser indígena não é se esconder por baixo do genérico, mas se perceber diferente, proveniente de um lugar específico.

Ante o exposto, tem-se que os povos indígenas vivem a **RESISTÊNCIA** como um "Movimento de luta nacional contra o ataque do inimigo, para manter a posição ocupada." **Resistência** pelo movimento e pela luta contra o inimigo para manter, e se manter, numa posição ocupada originalmente. **Resistência**, por vezes, e poderíamos dizer, na maioria das vezes, de forma solitária, invisibilizada, precarizada e descaracterizada. **Resistência** porque foram, e ainda são subjugados, marginalizados e enganados. **Resistência** em defesa de seus Territórios, de suas Vidas e de suas Culturas. **Resistência** para manter as garantias constitucionais já conquistadas. **Resistência** para demandar do poder público o básico: Direito à Diferença, Saúde, Educação, Igualdade, Proteção, Representatividade e Segurança Jurídica. **Resistência** contra o racismo, o preconceito, a violação de direitos das mulheres indígenas, a falta de acesso à alimentação nutritiva e às investidas saqueadoras da terra, da cultura e da história. **Resistência** que, segundo Baniwa, fez surgir o Movimento Indígena Formal e garante a sobrevivência dos Povos, bem como a apropriação de conhecimentos e a continuidade de suas identidades, valores e tradições culturais.

4. CONCLUSÕES

Este trabalho teve como objetivo problematizar a resistência como forma de vida, a partir do debate acerca da utilização dos termos índio ou indígena. Tais reflexões, como destacamos recorrentemente em nossos textos, se deram devido à encruzilhada das realidades vividas pelos/as estudantes indígenas do Grupo PET - conexões de saberes - comunidades indígenas, da Universidade Federal do Acre.



É a partir, e em decorrência, de tais encruzilhadas que lançamos mão mais uma vez do termo **Resistência** que, na obra de Celestino de Almeida, indica a necessidade Indígena de se tornar sujeito ativo dos processos de ressocialização e catequese, tornando-os parâmetros para a sobrevivência étnica, ou ainda, de **Resistência** que, nos escritos de Krenak, demonstra a grandeza do movimento indígena que devido a sua abrangência faz o adequado enfrentamento ao processo de homogeneização proposto pelo branco “civilizado”.

Refletir sobre **Resistência** como mecanismo de sobrevivência nos remete a pontuar que será necessário aos Povos Indígenas fazer/ser **Resistência** até o momento em que os não indígenas se despirem dos estereótipos e do preconceito, conhecerem e respeitarem os direitos, as histórias e as cultura, entenderem que não tem muita terra para pouco "índio" e apoiarem os movimentos e as lutas Indígenas.

A verdade é que os Povos Indígenas vivem encurralados e refugiados nos seus próprios territórios há muito tempo [...] e esse confinamento involuntário tem se tornado marca de resiliência, tem lhes feito mais **resistentes**. **Tem, no caso específico do Acre**, fortalecido a **resistência** da florestania que questiona a cidadania urbana, que tende a devorar tudo que tem em seu entorno e a negar a potência de outras formas de ser cidadão.

5. AGRADECIMENTOS

Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação – FNDE.

6. REFERÊNCIAS

DALTRO, M. R.; FARIA, A. A. de. Relato de experiência: uma narrativa científica na pós-modernidade. **Estudos e pesquisas em psicologia**. v.19. n.1, 2019, p. 223-237.

MINAYO, M. C. de S. (Org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 18 ed. Petrópolis: Vozes, 2002.